

## Por um jardim revolucionário

Carolina Pescatori

Clément, Gilles. *Jardins, paisagem e gênio natural: Aulas inaugurais do Collège de France*. Trad. Ana Rosa de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Ana Rosa de Oliveira, 2023.

“Haverá criação mais impregnada de significações para o ser humano que o jardim?”

**H**ugo Segawa inicia sua canônica pesquisa sobre os jardins públicos no Brasil (1994) com essa poderosa pergunta, que se relaciona de muitas maneiras com o livro aqui apresentado. Em *Jardins, paisagem e gênio natural: Aulas inaugurais do Collège de France*, Gilles Clément apresenta uma leitura profundamente sensível da paisagem, enquanto convida-nos a jardinar o planeta como ação de resistência à destruição ambiental, à crise climática e à neurose coletiva da produtividade. A partir da ideia do jardim como “território mental de esperança” (Clément, 2023, p. 59), o autor constrói uma filosofia do jardim enquanto espaço e práxis de resistência aos descaminhos da hipermodernidade, oferecendo contribuições muito relevantes para o paisagismo, mas também para outros campos como o urbanismo, a geografia, a ecologia e a arquitetura.

O livro apresenta a transcrição da aula inaugural da cátedra de criação artística do College de France do ano letivo 2011/2012 ministrada em dezembro de 2011 por Gilles Clément. A tradução do texto é de Ana Rosa de Oliveira, professora no curso de Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística da FAU UFRJ.<sup>1</sup> Gilles Clément apresenta-se, antes de tudo, como jardineiro, papel que ele amplia e transborda de significados neste livro. É engenheiro agrícola (1965) e paisagista (1967), formado pelo Instituto Nacional de Horticultura e Paisagem de Angers, além de botânico e entomologista. É professor e presidente da Escola Nacional Superior de Paisagem de Versailles. Sua visão multidisciplinar e sistêmica atravessa todos os seus escritos, constituindo uma ecologia humanista, muito apropriada para nossos tempos de catástrofes climáticas e sociais.



<sup>1</sup> Os direitos para essa tradução foram cedidos sem exclusividade e existe outra versão publicada em 2024 pela EdUFBA, com tradução de Camila Gomes Sant’Anna, Lúcia Helena Ferreira Moura e Yara Regina Oliveira.

Esta breve interpretação em forma de resenha não pretende esgotar a riqueza das ideias e conceitos apresentados neste texto, mas sim destacar algumas questões relevantes e pertinentes. Organizei essas questões em três temas: o jardim como pedagogia; o jardim como prática e o jardim como sobrevivência. No entanto, antes de adentrar nestas questões, Clément aponta três definições fundamentais e que atravessam seu pensamento: paisagem, meio ambiente e jardim.

Primeiro, a paisagem, que designa tudo o que se vê ou se sente. Constitui a memória de cada pessoa; não tem escala - pode se relacionar a um espaço grande ou pequeno; agrega matéria inerte e seres vivos; representa todos os lugares, abertos, fechados, ilimitados ou delimitados. Este conceito abrangente de paisagem distancia-se dos conceitos mais definidos da geografia, apresentando uma perspectiva subjetiva, onde memória, experiência e cultura configuram paisagens diferentemente interpretadas.

O segundo conceito é meio ambiente (*environnement*), que é "justamente o oposto de paisagem, na medida em que busca oferecer uma leitura objetiva daquilo que nos circunda" (Clement, 2023, p. 23). A discussão desse conceito considera um contraponto entre 'environnement' e sua origem anglo-saxã em comparação com a palavra de origem latina "meio ambiente/ medio ambiente". Para Clement, 'environnement' "busca oferecer uma leitura objetiva da paisagem; uma leitura científica fornecida pelos instrumentos de análise que todos (...) podem entender e apreciar de maneira comparável" (Clement, 2023, p. 23). Essa objetividade e mensuração cientificista embutidas na palavra abrem espaço para uma apropriação capitalista da natureza, apresentando uma distância da natureza e uma possibilidade de se estar *fora* dela, desconectado dela. Em contrapartida, a ideia de meio ambiente, no espanhol e no português, pressupõe o pertencimento, a coparticipação e a integração.

O terceiro conceito é o próprio jardim, que é profundamente reinterpretado por Clément. Muito mais do que um espaço verde projetado, o jardim assume feições revolucionárias, com grande capacidade transformadora, tanto da paisagem, quanto do meio ambiente, mas também da própria experiência humana com a natureza. Destacando que o jardim significa "em todo o mundo", recinto e paraíso, o autor reconhece conexões subjetivas e históricas com a percepção de proteção e do sublime, organizando "a natureza segundo uma cenografia do apaziguamento" e sendo, simulta-

neamente, “o único território de encontro do homem com a natureza onde o sonho é autorizado” (Clément, 2023, p.26). Podemos então interpretar que o sonho, neste sentido, também perpassa o próprio projeto paisagístico, pois é por meio dele e da experiência do/ no jardim que a dimensão onírica da natureza pode se realizar.

O autor também traz uma discussão importante e paradoxal sobre o selvagem. Primeiro, argumenta que o ‘selvagem’ está fora do jardim (espaço protegido). Este selvagem abarca o desconhecido, as inquietudes, a cidade “simultaneamente opressiva e cômoda”, território do inesperado, dos deveres e obrigações, das relações triviais e do controle das práticas sociais (Clément, 2023, pp.26-27). Mais adiante, Clément argumenta que o selvagem também muda ao longo do tempo, e que pode ser, por exemplo, a erva daninha, antes apartada do jardim e que hoje está sendo incorporada a ele graças a visões mais ecossistêmicas do paisagismo. Reconhecemos aqui, ainda que de forma subliminar, uma referência aos jardins naturalistas.

## O jardim como pedagogia

Clément começa a sua palestra explicando que ele não considera que o jardim e a paisagem sejam um conjunto passível de ser ensinado. Para Clément, “o jardim é o professor” (Clément, 2023, p. 19). Para ele as viagens e o trabalho de campo são fundamentais para o conhecimento sobre a jardinagem e o paisagismo e o saber é construído a partir da vivência do Jardim, observando-o e experimentando-o. Essa perspectiva pedagógica o leva a questionar o próprio ateliê como método-base da educação em projeto (e aqui acrescentamos - não apenas paisagístico, mas também na arquitetura e no urbanismo). Assim, uma aproximação entre prática e a teoria, entre experiência e projeto, é a base da sua proposta formativa. De fato, uma questão metodológica relevante e que problematiza as limitações das práticas mais arraigadas de ensino paisagístico, onde o projeto - em ateliê, orientado pelos professores - raramente se aproxima de uma experiência efetiva de jardinagem.

Essa questão ganha mais complexidade quando consideramos outro conceito apresentado por Clément: o ‘alfabeto do saber’, que, segundo Oliveira (2023, p.19) “refere-se àquele conhecimento básico que todos deveriam ter para entender o ambiente em que vivem. Todos deveriam conhecer “o nome das plantas, dos animais; soubesse identificar as melhores condições para o desenvolvimento destes seres; que, em

suma, tivesse acesso aos conhecimentos dos mecanismos básicos da vida". Esse conhecimento básico, que não é partilhado por não fazer parte dos conteúdos escolares, seria a base para a experiência do/no jardim. Clément questiona o ensino, que abandonou a relevância da botânica, da entomologia e da ornitologia, conhecimentos fundamentais para o projeto do jardim futuro, onde deve se fazer o mínimo, gastar o mínimo de energia e recursos e abrir espaço para as dinâmicas da natureza.

## **O jardim como prática ecológica e o papel do jardineiro**

Clément constrói o conceito-metáfora do 'jardim planetário' no final dos anos 1990 e o explora em diferentes dimensões em vários textos. O 'jardim planetário' é um meio de viver em harmonia com a natureza, apreciando o ecossistema em toda a sua diversidade, atuando como jardineiro e guardião (Clément, 2021). Para Ana Rosa de Oliveira (2000), o jardim planetário implica na noção da Terra como um todo compartilhado e onde a humanidade precisa assumir seu papel de jardineiro enquanto uma prática ecológica e cidadã:

O jardim planetário de Clément não tem cercas ou limites, mas afinidades ecológicas. Ele propõe um continente único, associado à idéia de uma Terra onde as regiões não mais seriam separadas pela geografia e sim pelos biomas que se sucederiam. Os residentes deste continente único seriam cidadãos-jardineiros, agindo com as melhores intenções em relação ao planeta. O cidadão-jardineiro planetário atuaria localmente e teria consciência do planeta; pensaria globalmente. Ou seja, participaria dos paradigmas do ecologismo (Oliveira, 2000).

Efetivamente, o 'jardim planetário' é um chamado para a consciência ecológica urgente, a consciência plena da finitude ecológica da natureza. É essa consciência que move todo o pensamento do autor sobre paisagem e é da crise ambiental que partem suas críticas mais fortes ao sistema econômico vigente.

Ao mapear o cenário de desastre ambiental, Clément prossegue perguntando "O que faz o jardineiro?" - ou seja, como realizar a utopia do 'jardim planetário'? Da mesma forma que o autor reformulou a ideia de jardim, também o fez com o papel do jardineiro, que ganha contornos de grande potência transformadora da paisagem e, por fim, da própria sociedade do século XXI. Antes, o jardineiro "era o arquiteto do jardim" (Clément, 2023, p. 34). Hoje, ele "é o responsável pelo que é vivo, guardião de uma diversidade da qual a humanidade inteira depende" (p.34). Dentro desta

visão, o jardineiro é uma figura muito importante e diferenciada do paisagista. Para Clément, “o paisagista ajusta a estética mutável do jardim (ou da paisagem); o jardineiro traduz para o dia a dia as invenções da vida, ele é um mágico” (Clément, 2023, p. 21).

Apresenta-se, então, uma subversão entre jardinagem e paisagismo. Para Clément, o jardim de Clément é o todo; é uma forma equilibrada e poética de experimentar a natureza e de se relacionar com a paisagem. Toda essa importância contrasta com a visão que parte da arquitetura da paisagem brasileira tem do jardim como uma ideia ‘menor’, procurando desconectar-se dela e atrelar-se à ideia de paisagem/paisagismo como estratégia de valorização e ampliação do próprio campo. Os textos de Clément são uma oportunidade de problematizar o campo do paisagismo e nossa postura como paisagistas, inclusive em termos conceituais e teóricos, com profundas implicações na prática e no projeto.

## O jardim, o projeto e o futuro

A potência do ‘jardim planetário’ transborda em várias questões relevantes sobre o projeto paisagístico. Primeiro, implica no reconhecimento e na valorização incontornável das dinâmicas naturais sempre mutáveis, onde o planeta, “entendido como jardim constituído pela soma de todos (...) os biótopos, se veja submetido a um perpétuo reajuste” (Clément, 2023, p. 40). Essa condição mutante do jardim é uma premissa de projeto paisagístico que deve transformar a sede por controle do arquiteto, que é ilusória e absurda, pois na entrega da obra, “o jardim está apenas começando” e “é uma obra que não acaba” (Clément, 2023, p. 41).

Para compreender esta dimensão de infinita transformação e incorporá-la ao paisagismo visando construir o jardim planetário, o projeto, entendido como arte e como forma, deve ser precedido em relevância pela “informação biológica”, ou seja, pelas dinâmicas ecossistêmicas. O projeto deve emergir da natureza e “renunciar à violência da formatação arquitetônica” (Clément, 2023, p. 45). O jardineiro do futuro precisa aceitar a colaboração da natureza como coautora da obra e submeter os desígnios da linguagem do projeto a ela.

O artista da paisagem bem-sucedido, capaz de manter a vida e fazê-la desenvolver-se em seu jardim, não se interpõe às trocas naturais, mas as valoriza mediante uma cenografia apropriada. Um sulco no terreno, uma demarcação, um desnível, um limite - tão espesso

quanto a borda de uma floresta - cuja forma se ajuste tanto ao sentido do projeto proposto quanto ao respeito à vida (Clément, 2023, p. 48).

Como já comentamos, essa resenha não pretende esgotar as possibilidades interpretativas do texto e dos conceitos de Clément. No entanto, ele finaliza seu livro instigando os leitores a repensar seus papéis no mundo e na sociedade capitalista. Para ele, o jardineiro do futuro não é um justiceiro, mas terá a responsabilidade de restabelecer as regras da equidade, dispondo das leis do gênio natural. O jardim é, ainda, uma forma de resistência a todas as violências impostas pela sociedade da alta performance, da competitividade e da desigualdade. O autor lembra que, no jardim, a pressa, a velocidade e a eficiência não têm sentido. O jardim coloca o tempo em suspensão. Nele, o passado se apaga e não há espaço para nostalgia. O jardim é um devir; é um espaço não só físico, mas também mental, de absoluta esperança. Assim, o jardim se coloca como um espaço político de resistência — uma prática que deve ser permeada por outros saberes, inclusive outros pensamentos, imaginários, criações e cosmologias. No jardim, não há urgência nem competição, mas sim criação, subversão e arte articulada com os saberes da natureza.

Aqui Clément estabelece um belíssimo e contemporâneo diálogo com as discussões sobre a sociedade produtivista e o adoecimento coletivo. Lembramos das questões sobre a *vita contemplativa* e a *inatividade* levantadas pelo filósofo Byung-Chul Han. Afinal, o chamado de Clément é também um convite à *inatividade*, à *contemplação* e à *experiência profunda* no jardim. Para Han, a *inatividade* “não é uma incapacidade, uma recusa, uma simples ausência de atividade, mas uma capacidade em seu próprio direito (Han, 2023, p.9), uma essência do humano, “uma forma reluzente de existência humana (Han, 2023, p.10).

De uma forma bastante política e poética, Clément finaliza o livro convidando todos aqueles que estão à margem da sociedade produtivista a serem lentos e inativos no jardim, porém, plenos de resistência, de sensibilidade e de uma verdadeira consciência ecológica.

Juntos podemos nos demorar diante da simplicidade de uma flor, sua vivacidade e frescor sobre a luz, esse anúncio de um fruto, uma aventura prometida, uma semente, uma invenção, forçosamente. Poderemos desenhá-la e talvez dotá-la de uma paisagem. Poderemos, inclusive, dar-lhe um nome. Então ela existirá (Clément, 2023, p.61).

## Referências

Clément, Gilles. *Jardins, paisagem e gênio natural: Aulas inaugurais do Collège de France*. Trad. Ana Rosa de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Ana Rosa de Oliveira, 2023.

Clément, Gilles. In practice: Gilles Clément on the planetary garden. *Architectural Review*, 16 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/essays/in-practice/in-practice-gilles-clement-on-the-planetary-garden>>. Acesso em: 05 de jul. 2025.

Han, Byung-Chul. *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade*. São Paulo:Ed. Vozes, 2023.

Oliveira, Ana Rosa de. Gilles Clément e o jardim planetário. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 002.03, *Vitruvius*, jul. 2000 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.002/997>>.

Segawa, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. Ed. Studios Nobel: São Paulo, 1996.

